



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E LINGUÍSTICAS DA FRANCOFONIA: A  
NEGRITUDE NO MÉTODO *DÉFI 1***

Andreza Paes Pereira

RIO DE JANEIRO  
2021

ANDREZA PAES PEREIRA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E LINGUÍSTICAS DA FRANCOFONIA: REFLEXÕES  
SOBRE A NEGRITUDE NO MÉTODO *DÉFI 1*

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciada em Letras na habilitação  
Português-Francês

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Baptista da Silva

RIO DE JANEIRO  
2021

Pereira, Andreza Paes.

Representações sociais e linguísticas da  
francofonia: a negritude no método *Défi* I/Andreza  
Paes Pereira. – 2021

43 f.

Orientador: Sérgio Luiz Baptista da Silva.

Monografia (graduação em Letras habilitação  
Português – Francês – Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 40-43.

1. Francofonia. 2. Negritude.

I. Pereira, Andreza Paes. II - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021. III . Título

CDD

## AGRADECIMENTOS

A Deus e a todas as entidades religiosas, em primeiro lugar, por me permitirem chegar até aqui.

A minha mãe, mulher guerreira que, embora não tivesse tido a oportunidade que tive de estudar, não mediu esforços para que eu e meus irmãos pudéssemos viver em condições dignas.

Ao meu amor, Priscila, que está comigo desde o início desse processo, sempre me apoiando e me incentivando nas minhas escolhas e ações. Obrigada pela atenção, paciência e pelo carinho. Sem isso, não tenho dúvidas de que teria sido muito mais difícil passar por esse longo período.

A minha amiga, Jeanni Avelinno, que tive o prazer de conhecer ao longo da graduação e a quem me juntei para caminhar nesse processo de elaboração de trabalho de conclusão de curso. Em momentos tão difíceis como os que estamos vivendo, não sei se teria conseguido se nós não nos dêssemos as mãos.

A todos os professores, professoras e demais funcionários da Escola Municipal Viriato Corrêa, instituição onde comecei meu Ensino Fundamental.

A todos os professores, professoras e demais funcionários da Escola Municipal Raja Gabaglia, instituição onde dei continuidade ao meu Ensino Fundamental. Deixo aqui um agradecimento especial às professoras Dilma e Marilene, de Língua Portuguesa e Matemática, respectivamente, por sempre acreditarem no potencial de seus alunos. Dona Dilma, jamais me esqueci da frase que a senhora sempre dizia a cada um de nós: “Você sabe que pode e que é capaz.”. Obrigada.

A todos os professores, professoras e demais funcionários do Colégio Pedro II - unidade São Cristóvão II -, instituição onde cursei o meu Ensino Médio.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ -, instituição que me acolheu e que permitiu que eu vivesse uma das melhores fases da minha vida pessoal e profissional.

Ao Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva que, além de aceitar me orientar na elaboração deste trabalho, foi responsável pelo *empretecimento* do meu currículo acadêmico. Graças a ele, eu e meus colegas pudemos enxergar que existe uma vasta e potente produção de intelectuais negros e negras que lutam incessantemente pela descolonização dos currículos e pela produção de conhecimentos emancipatórios.

Por fim, agradeço a Renato Russo e Flávio Venturini, que compuseram uma das mais lindas canções que já escutei e que não me deixam esquecer que “quem acredita sempre alcança”.

## RESUMO

Os estudos sobre francofonia demonstram que o tema vem sendo amplamente discutido e que países francófonos passaram a ganhar espaço, nos últimos anos, nas páginas dos materiais de ensino e aprendizagem de Francês Língua Estrangeira – FLE. O presente trabalho, de cunho monográfico, tem por objetivo refletir sobre as representações sociais e linguísticas da francofonia representada pelos países africanos da África Subsaariana que, juntos, reúnem a maioria dos falantes francófonos do mundo. Toma-se como objeto de estudo o livro *Défi 1*, publicado em 2018 pela editora Maison des Langues e adotado em 2019/2020 não somente pelas Alianças Francesas brasileiras, como também por outras instituições de ensino de francês no Brasil e no mundo. Especificamente, busca-se verificar qual é o lugar ocupado por esses países no material e como tal espaço é ocupado. Uma investigação bibliográfica acerca dos conceitos que envolvem esta pesquisa permitiu reter estudos como os de MOSCOVICI (1978), SÁ (1998) e TEIXEIRA (2016), que abordam teorias de representações sociais e linguísticas, os de ROYNETTE (2005) e MUNANGA (2009), que discorrem sobre a negritude, e as pesquisas de CALVET (2007) e GONÇALVES (2014) que apresentam contribuições acerca do conceito de francofonia, além de outros autores e autoras que também teceram reflexões necessárias ao presente estudo. Ao se deter nas reflexões sobre as representações sociais e linguísticas da francofonia focadas na negritude, no âmbito de um manual didático com amplo potencial de utilização no Brasil e no mundo, esta pesquisa oferece contribuições para os estudos de FLE, de francofonia e de representações de povos negros. A pesquisa, de natureza quali-quantitativa, realizou-se nas seguintes etapas: leitura e fichamento de textos que embasaram os conceitos que norteiam este estudo, análise do livro didático *Défi 1* e análise dos documentos de áudio e vídeo da obra disponibilizados no *Espace Virtuel* da editora Maison des Langues. A investigação realizada no livro e em seus documentos audiovisuais permitiu a realização de estatísticas que, ao se relacionarem aos conceitos teóricos aqui elencados, evidenciaram o pouco espaço atribuído à negritude francófona do continente africano no material.

Palavras-chave: Francofonia; FLE; negritude; representações sociais; representações linguísticas.

## RÉSUMÉ

Les études sur la francophonie montrent que le sujet est de plus en plus discuté et que les pays francophones ont pris de la place, ces dernières années, sur les pages des matériels d'enseignement et d'apprentissage du Français Langue Étrangère - FLE. Ce travail monographique a pour but de réfléchir sur les représentations sociales et linguistiques de la francophonie représentée par les pays africains d'Afrique Subsaharienne qui, ensemble, réunissent la majorité des francophones du monde. L'objet de l'étude est la méthode *Défi 1*, publiée en 2018 par l'éditeur Maison des Langues et adoptée en 2019/2020 non seulement par les Alliances Françaises brésiliennes, mais aussi par d'autres établissements d'enseignement de français au Brésil et dans le monde. Spécifiquement, on cherche à vérifier quelle est la place occupée par ces pays dans le matériel et comment cet espace est occupé. Une recherche bibliographique sur les concepts qui entourent ce travail a permis de retenir des études comme celles de MOSCOVICI (1978), SÁ (1998) et TEIXEIRA (2016), qui abordent des théories de représentations sociales et linguistiques, celles de ROYNETTE (2005) et MUNANGA (2009) traitant de la négritude et les recherches de CALVET (2007) et GONÇALVES (2014) qui présentent des contributions sur le concept de francophonie, ainsi que d'autres auteurs qui ont également formulé des réflexions nécessaires à cette étude. En s'arrêtant sur les réflexions sur les représentations sociales et linguistiques de la francophonie centrées sur la négritude, dans le cadre d'un manuel didactique avec un large potentiel d'utilisation au Brésil et dans le monde, cette recherche offre des contributions aux études de FLE, de francophonie et également à celles ayant pour thème les représentations des peuples noirs. La recherche, de nature quali-quantitative, a été réalisée dans les étapes suivantes : lecture et fichage de textes qui ont soutenu les concepts présentés dans cette étude, analyse de la méthode *Défi 1* et analyse des pistes et des vidéos de la méthode mises à disposition dans *l'Espace Virtuel* de l'éditeur Maison des Langues. La recherche réalisée dans le livre et dans ses documents audiovisuels a permis la réalisation de statistiques qui, en se rapportant aux concepts théoriques abordés dans ce travail, ont mis en évidence le peu de place accordée à la négritude francophone du continent africain dans le matériel.

Mots-clés : Francophonie ; FLE ; négritude ; représentations sociales ; représentations linguistiques.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Locutores quotidianos de francês no mundo, p. 38 do relatório da OIF, 2019 .....	17
Figura 2 - <i>Défi 1</i> – Página 8.....	22
Figura 3 - <i>Défi 1</i> - Página 35 .....	31
Figura 4 - <i>Défi 1</i> - Página 40 .....	31
Figura 5 - <i>Défi 1</i> - Página 63 .....	32
Figura 6 - <i>Défi 1</i> - Página 83 .....	32
Figura 7 - <i>Défi 1</i> - Página 42 .....	33
Figura 8 - <i>Défi 1</i> - Página 104 .....	33
Figura 9 - <i>Défi 1</i> - Página 97 .....	34
Figura 10 - <i>Défi 1</i> - Página 121 .....	35

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Variantes da língua francesa nos áudios do livro <i>Défi 1</i> .....	23
Gráfico 2 - Pessoas negras e não-negras presentes nos vídeos do livro <i>Défi 1</i> .....	26
Gráfico 3 - Variantes da língua francesa nos vídeos do livro <i>Défi 1</i> .....	27
Gráfico 4 - Pessoas negras e não-negras presentes nas imagens do livro <i>Défi 1</i> .....	30

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Considerações teóricas.....	13
2.1. Representações sociais e linguísticas .....	13
2.2. Francofonia e francofonia .....	14
2.3. Negritude .....	18
3. O livro <i>Défi 1</i> .....	20
3.1. Apresentando o livro <i>Défi 1</i> .....	20
3.1.1. Análise dos áudios.....	22
3.1.2. Análise dos vídeos .....	24
3.1.3. Análise das imagens.....	29
4. Considerações finais.....	37
5. Referências .....	40



## 1. Introdução

Em 2018, estimava-se que havia cerca de 300 milhões de locutores de língua francesa no mundo, divididos entre cinco continentes – África, América, Europa, Ásia e Oceania. Os dados foram divulgados no último relatório da OIF – Organização Internacional da Francofonia<sup>1</sup>, entidade política que reúne atualmente 88 Estados e governos que possuem a língua francesa em comum e que firmam acordos de cooperação política, educativa, econômica e cultural visando, sobretudo, a promoção do idioma pelo mundo e o desenvolvimento de seus países-membros.

Nesse mesmo ano, a população francesa contava com cerca de sessenta e seis milhões, oitocentos e noventa mil habitantes, números apontados pelo relatório<sup>2</sup> do Insee – Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos, órgão responsável pela produção, análise e publicação de estatísticas oficiais na França.

Desse modo, é possível perceber que pouco mais de 22% dos falantes de língua francesa encontravam-se na França, em 2018, o que não mudou em apenas três anos e nem mudará nos próximos, de acordo com o próprio relatório citado acima, da OIF, cujos dados demonstram uma tendência de aumento significativo no número de francófonos no continente africano. No entanto, tal estatística não se reflete nos materiais de ensino e aprendizagem de Francês Língua Estrangeira – FLE.

Paraguay e Pereira (2012) apontam que a maioria dos livros didáticos de FLE estão voltados para a França. Isso não quer dizer que países francófonos não tenham espaço nesses materiais. Certamente, os estudos sobre francofonia realizados nos últimos anos possibilitaram maior representação de outros países francófonos nos materiais didáticos de ensino de FLE. No entanto, como apontam os autores, quando esses países são representados, isso não acontece de maneira igualitária se comparado à França. Desse modo, entende-se que o livro didático “pode funcionar como um instrumento que delimita a formação de representações sociais e linguísticas no que tange ao pluralismo francófono.” (TEIXEIRA, 2016, p. 7)

---

<sup>1</sup> O referido relatório foi publicado em 2019 pela OIF, que divulga relatórios sobre a francofonia a cada quatro anos. Esse último relatório publicado divulgou informações dos anos 2015-2018. Desse modo, o próximo relatório deverá ser publicado em 2023 e compreenderá as informações obtidas nos anos 2019-2022. Mais informações disponíveis em: <<https://www.francophonie.org/>>. Acesso em 19 jan. 2021.

<sup>2</sup> Relatório publicado em 15 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.insee.fr/fr/statistiques/3692693>>. Acesso em 19 jan. 2021.

Após cinco anos inserida na prática de ensino de língua francesa em cursos livres<sup>3</sup>, escola e em aulas particulares, foi possível perceber que muitos alunos de FLE, em níveis iniciais de aprendizagem, normalmente associam a língua francesa única e exclusivamente à França. Eu mesma, enquanto aluna da graduação do curso de Letras Português-Francês, há alguns anos, tinha essa ideia equivocada, assim como muitos de meus colegas. Tal era minha impressão até entrar na universidade e descobrir a pluralidade que está por trás do que se denomina francofonia, termo que será discutido no capítulo 2 deste trabalho.

Durante minhas experiências como professora de francês, pude perceber que, muitas vezes, em aulas iniciais, quando se pergunta aos alunos o que eles sabem sobre a língua francesa, as palavras e imagens evocadas estão ligadas ao hexágono (França). Alguns ainda se recordam do Canadá, da Bélgica e, no máximo, da Suíça. Sem falar da imagem dos alunos sobre a França e sobre os franceses, conforme apontou Peruchi (2004) em sua pesquisa, que geralmente estão associadas à beleza e à elegância. Não é novidade para os professores de francês quando os alunos atribuem à França o *status* de país da arte, da moda e da beleza.

Vimos inicialmente, no entanto, que a língua francesa não se relaciona somente à França, estando presente nos quatro cantos do mundo e sendo usada quotidianamente por diferentes povos. Isso significa que a noção de francofonia é muito ampla, tendo em vista a heterogeneidade cultural e linguística que está por trás desse conceito.

Por isso, o presente trabalho, ao analisar o livro de francês língua estrangeira *Défi 1* (2018), busca refletir sobre as representações sociais e linguísticas da francofonia focadas na negritude, tendo como foco os países francófonos situados na África Subsaariana, cuja maioria da população é negra. Busca-se investigar qual é o lugar ocupado por esses países e seus povos no material e de que forma se dá tal ocupação.

Com base em Gil (2002), pode-se dizer que esta pesquisa, quanto a seus objetivos, caracteriza-se como descritiva, tendo em vista que busca descrever a forma como determinada população é representada no material analisado. Com base nos procedimentos técnicos adotados na investigação, trata-se de uma pesquisa bibliográfica

---

<sup>3</sup> “Os cursos livres fazem parte da chamada Educação Profissional. Embora não sejam cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC), são atividades consideradas legais e têm amparo no Decreto nº 5.154/04. Os cursos da modalidade de ensino livre têm como característica principal a carga horária reduzida e a oferta de um conhecimento específico, como ensinar o uso de um software, uma técnica de laboratório ou uma língua estrangeira.” Fonte: <https://blog.anhanguera.com/o-que-e-um-curso-livre/>. Acesso em: 29 abr. 2021. Durante a graduação, fui monitora de língua francesa no Fisk Centro de Ensino e no Instituto Kailua, dois cursos que se enquadram na modalidade descrita anteriormente.

e documental, uma vez que recorre às contribuições de diversos autores sobre os assuntos aqui evocados e também ao livro *Défi 1* da editora Maison des Langues, analisando seus conteúdos de áudio, vídeo e imagem.

A abordagem adotada neste trabalho foi a quali-quantitativa. Para Denzin e Lincoln (2005, apud KIRSCHBAUM, 2003, p. 181), as pesquisas qualitativas:

[...] são percebidas como adequadas a uma abordagem em que o foco do trabalho recai sobre a investigação do ponto de vista subjetivo dos indivíduos e suas formas de interpretação do meio social onde estão inseridos.

As quantitativas, por sua vez, “calcam-se sobre a dedução de hipóteses [...]. Dessa forma, o material coletado deve ser mensurado e condensado em variáveis.” (DENZIN; LINCOLN, 2005, apud KIRSCHBAUM, 2003, p. 181). Para Grácio e Garruti (2005, p. 119), “as quantificações fortalecem os argumentos e constituem indicadores importantes para análises qualitativas”.

Nesse sentido, aqui são mesclados os dois tratamentos citados acima, tendo em vista que a pesquisa foi realizada nas seguintes etapas: leitura e fichamento de textos que embasaram os conceitos que norteiam este estudo, análise estatística do livro didático *Défi 1*, considerando seus documentos de imagem, áudio e vídeo, sendo estes dois últimos disponibilizados no *Espace Virtuel* da editora Maison des Langues.

O interesse pelo estudo do livro se deu por dois motivos principais. O primeiro, pelo fato de ser um método que se apresenta colocando em primeiro plano os aspectos culturais e socioculturais, e não a língua, como muitas vezes acontece:

No Défi, o fato cultural e sociocultural se coloca a serviço das aquisições linguísticas. É por meio de elementos culturais, multiculturais e de fatos da sociedade que o aluno sente espontaneamente a necessidade de adquirir ferramentas linguísticas. (CHAHÍ; DENYER; GLOANEC, 2018, p. 2)<sup>4</sup> [Tradução minha]

Desse modo, buscar-se-á, então, verificar, por meio da análise das representações linguísticas e sociais apresentadas no livro, como a francofonia representada por países africanos da África Subsaariana está sendo retratada. A escolha pela África Subsaariana foi motivada tanto pela expressiva quantidade de francófonos

---

<sup>4</sup> No original : "Dans Défi, le fait culturel et socioculturel se met au service des acquisitions linguistiques. C'est au travers d'éléments culturels, multiculturels et de faits de société que l'apprenant éprouve spontanément le besoin d'acquérir des outils linguistiques."

presentes na região, como também pelo fato de sua população ser majoritariamente negra.

Além disso, o outro motivo está relacionado à influência da Aliança Francesa no que diz respeito ao uso de métodos de FLE, não apenas no Brasil, como em todo o mundo. Após a adoção do *Défi* pela instituição, não somente cursos de ensino de língua francesa, como também professores particulares passaram a adotá-lo. Isso também aconteceu com métodos que foram adotados anteriormente pela Aliança e posteriormente por instituições públicas, privadas e por professores particulares, como aconteceu com os livros *Tout va bien* e *Alter Ego*.

Cabe explicitar também as razões pelas quais apenas o primeiro livro da coleção será analisado nesta pesquisa. Primeiramente, porque durante o período de pandemia ligado ao coronavírus, os livros da editora Maison des Langues, além de estarem com um preço muito elevado, estavam indisponíveis em muitos *sites* de venda de livros, o que dificultou a compra de toda a coleção. Ademais, como indicado acima, durante minha experiência como professora de francês, foi possível perceber que os alunos costumam chegar às salas de aula para aprender a língua francesa associando o idioma e suas expressões culturais como moda, arte, gastronomia e literatura, por exemplo, única e exclusivamente à França, o que mostra a necessidade de se desconstruir tais preconceitos já em níveis iniciais de aprendizagem.

## **2. Considerações teóricas**

Neste capítulo, serão abordados alguns conceitos fundamentais à compreensão do tema desta pesquisa. Na seção 2.1, veremos as concepções de representações sociais e linguísticas, importantes para o tema estudado, uma vez que este aborda o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira – o francês – que está presente em diferentes continentes, apresentando assim uma heterogeneidade cultural e linguística que muitas vezes não é conhecida pelos alunos e tampouco retratada em materiais didáticos voltados ao ensino do idioma.

Na seção seguinte, será discutido o conceito de francofonia, que, como será possível perceber, possui, na maioria das vezes, um duplo sentido – ora se referindo ao conjunto de povos e grupos que utilizam a língua francesa parcial ou integralmente em seu cotidiano, ora a um conceito político que designa um conjunto de governos, países e instâncias oficiais que não apenas compartilham a língua, como também acordos de cooperação política, educativa, econômica e cultural.

Finalmente, a última parte do capítulo – seção 2.3 – discorrerá sobre a negritude, termo fundamental ao se relacionar os conceitos que serão abordados anteriormente – representações sociais, linguísticas e francofonia –, tendo em vista que a maior parte dos francófonos do mundo está presente no continente africano.

### **2.1. Representações sociais e linguísticas**

Serge Moscovici é um dos principais nomes no que se refere aos estudos sobre Representações Sociais. Para Moscovici (1978, p. 41), as representações sociais caracterizam-se como “[...] entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano”. Sá (1998) também está de acordo com o autor quando afirma que:

os fenômenos de representação social estão “espalhados por aí”, na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais. Eles são, por natureza, difusos, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias de interação social. (SÁ, 1998, p. 21)

Sendo assim, podemos perceber que as representações sociais estão por todo canto e manifestam-se tanto individual quanto coletivamente. Para Sêga (2000), a

representação social é a representação de objetos ou de pessoas, embora não represente necessariamente a realidade, sendo fruto da relação entre o mundo e aqueles que o compõem. Essas construções provenientes dessa relação são muito importantes e influenciam os comportamentos e as relações entre os indivíduos.

Desse modo, ao se pensar no contexto de ensino-aprendizagem de FLE, é possível concluir que o universo cotidiano dos alunos também está cercado de situações que podem corroborar ou contestar essas representações, sendo o livro didático uma ferramenta pedagógica relevante no processo de construção ou desconstrução de tais representações. Isso quer dizer que representações limitadas sobre determinados povos e culturas podem acarretar numa visão igualmente limitada e equivocada de suas identidades.

As representações linguísticas, por sua vez, são entendidas por Rodrigues (2012) como um conjunto de conhecimentos sociais sobre as línguas, construídos e partilhados entre os indivíduos na sociedade. Conforme aponta o autor:

As representações linguísticas são então constituídas pelo conjunto das imagens, das posições ideológicas, das crenças que têm os grupos sociais a respeito das línguas e das práticas linguísticas, suas e dos outros. Elas correspondem a tudo aquilo que os locutores dizem ou pensam das línguas que falam (ou da maneira como falam) ou das que os outros falam (ou do modo como falam). (RODRIGUES, 2012, p. 365)

Percebe-se, então, que as representações linguísticas são concebidas como a interpretação – manifestada ou não – dos falantes sobre as línguas. Destaca-se ainda que os indivíduos possuem representações linguísticas não apenas sobre suas próprias línguas, como também sobre as dos demais grupos sociais.

## 2.2. Francofonia e francofonia

Em discurso proferido no dia 20 vinte de março de 2018 na Academia Francesa, em comemoração ao Dia Internacional da Francofonia (*Journée Internationale de la Francophonie*), o presidente francês Emmanuel Macron falou sobre o *status* da língua francesa e sobre o que entendia como francofonia:

O que hoje se chama francofonia não é esse espaço incerto na periferia da França, que seria o seu centro; é a própria língua francesa que se tornou o centro de todas as nações e de todos os povos, onde nasceu na sua espantosa **variedade**. É isso a francofonia, [...] **O francês, no fundo, emancipou-se da França**, tornou-se esta língua mundo, esta língua arquipélago, porque outras línguas se falam em

continentes imensos e centenas de milhões dos nossos concidadãos a partilham, mas poucas línguas se falam neste arquipélago mundo que é o nosso. (MARANGONI, 2018, p. 7)<sup>5</sup> [Tradução e grifos meus]

Para o presidente francês, a francofonia caracteriza-se por sua variedade. Nesse sentido, a língua francesa não está presente somente na França, que seria o seu centro, mas também em outros países ao redor do mundo, assumindo posição importante e estando muitas vezes no centro das comunicações. Para Macron, o francês se emancipou da França, tornando-se uma língua mundial. Baseando-se no discurso do presidente francês e nos estudos que tratam do termo francofonia, é possível perceber que há algo intrínseco ao termo: o compartilhamento da língua francesa por diferentes nações.

Segundo Gonçalves (2014), o termo francofonia surgiu em 1880. Teria sido empregado pela primeira vez pelo geógrafo francês Onésime Reclus, possuindo assim uma acepção geográfica, designando os espaços geográficos onde o francês era falado. Dessa maneira, o conceito abarcava as terras colonizadas pela França no século XIX, espalhadas pela África, Ásia, Caribe e Oceania.

Calvet (2007, p. 136) considera a francofonia “uma realidade sociolinguística, produto da história – particularmente da história colonial – e um conceito geopolítico recente”. Para Guisan (2007), o termo também está nitidamente relacionado à colonização: a França sendo o centro e as colônias (terras francófonas), sua periferia. Ser francófono, então, “significa aquilo que, ou quem pertence à periferia, o centro sendo naturalmente a França, sobretudo Paris.” (GUISAN, 2007, p. 78)

O termo “Francofonia” como conceito político, grifado normalmente com a letra “F” maiúscula, é um termo relativamente recente, datado da década de 1960. O conceito relaciona a Francofonia a um sentido de instituição política constituída por países francófonos. Segundo a OIF, essa primeira instituição intergovernamental francófona agrupava, inicialmente, quinze países que se reuniam a cada dois anos para traçarem orientações educacionais e de formação voltadas ao desenvolvimento dos países<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> No original: “Ce qu’on appelle francophonie aujourd’hui ce n’est pas cet espace incertain à la périphérie de la France laquelle en serait le centre, c’est la langue française elle-même qui est devenue le centre de toutes les nations et de tous les peuples où elle a fait souche dans sa variété étourdissante. C’est cela la francophonie, [...] Le français s’est au fond émancipé de la France, il est devenu cette langue monde, cette langue archipel parce que d’autres langues se parlent dans des continents immenses et des centaines de millions de nos concitoyens la partagent mais il est peu de langues qui se parlent dans cet archipel monde qui est le nôtre.”

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.francophonie.org/une-histoire-de-la-francophonie-23>>. Acesso em 19 jan. 2021.

Em 1970, foi criada a Agência de Cooperação Cultural e Técnica – ACCT (*Agence de coopération culturelle et technique*), que em 1998 se tornou a Agência Intergovernamental da Francofonia (*Agence Intergouvernementale de la Francophonie*), tornando-se, em 2005, a atual Organização Internacional da Francofonia – OIF (*Organisation Internationale de la Francophonie*).

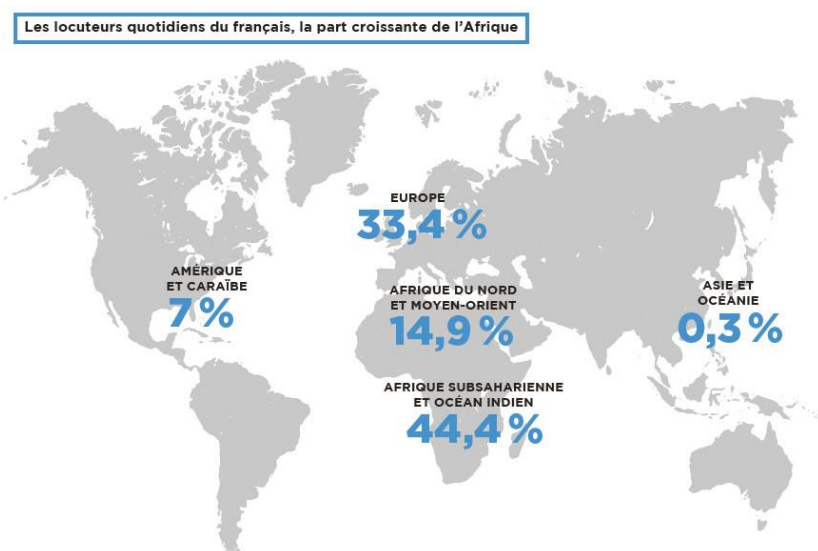
Com base no exposto, podemos perceber que o termo “francofonia” possui sentidos diferentes, assim como também aponta Leclerc (2014), segundo o qual o termo pode ser empregado com “f” inicial minúscula ou maiúscula: francofonia ou Francofonia. Para o autor, o termo “francofonia” refere-se a um conjunto de pessoas ou grupo de falantes que usam a língua francesa para se comunicarem em seu cotidiano, de forma parcial ou integral. Já o termo “Francofonia” está ligado ao conjunto de governos, países ou instâncias oficiais que usam a língua francesa em seus trabalhos e comunicações.

Além das definições de francofonia supracitadas, há ainda as contribuições de Xavier Deniau (2001). No livro *La Francophonie*, o autor atribuiu quatro sentidos para o conceito: o primeiro é o *linguístico* e designa os falantes de língua francesa; o segundo é o *geográfico* e se refere aos povos que possuem a língua francesa como língua materna, oficial ou administrativa; o terceiro sentido é o *espiritual e místico* e está relacionado ao sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade que compartilha os mesmos valores; o quarto sentido é o *institucional* e está relacionado à comunidade de acordo e cooperação a nível mundial.

Percebe-se que, para o autor, há um sentido mais amplo de francofonia, que seria o sentido linguístico. Nesse caso, mesmo os estudantes de FLE seriam francófonos, tendo em vista que aprendem a língua e dela fazem uso. Neste trabalho, a francofonia está sendo considerada do seu ponto de vista geográfico e institucional (Francofonia em seu sentido político), com o objetivo de verificar suas representações em um material didático de ensino da língua francesa.

O último relatório divulgado pela OIF, em 2019, indicou que a língua francesa possuía cerca de 300 milhões de locutores que faziam uso cotidiano do idioma. Desse número, 235 milhões de locutores se encontravam na categoria daqueles que nascem e vivem em francês, dentre os quais aproximadamente 60% estavam localizados no continente africano, conforme podemos ver no mapa abaixo:





**Figura 1 - Locutores quotidianos de francês no mundo, p. 38 do relatório da OIF, 2019**

Ao observar o mapa, é possível perceber que o número de locutores francófonos na Europa corresponde a apenas 33,4%. Destaca-se ainda a quantidade de francófonos no continente africano, sobretudo na África Subsaariana, que possui mais de 40% de locutores quotidianos de francês, enquanto o continente americano, o Caribe, a Ásia e a Oceania somam, juntos, pouco mais de 7% de francófonos.

No entanto, como pudemos constatar inicialmente, esses números não se refletem nos materiais de ensino de FLE. Quase sempre, as representações sociais e linguísticas da francofonia estão centralizadas na França, o que indica que, diferentemente do que afirmou o presidente francês em seu discurso, em 2018, o francês não se emancipou do país.

Peruchi (2004), ao citar os estudos realizados na Universidade de Louvain-la-Neuve (UCL), na Bélgica, pelo Centro de Pesquisas VALIBEL (*Variétés Linguistiques de Belgique*), conclui que a francofonia, em 2003, já ocupava seu espaço nos livros didáticos de FLE, mas com limitações:

As conclusões dos pesquisadores têm sido de que os métodos comunicativos atuais têm ressaltado a francofonia, porém somente no seu aspecto cultural e não no aspecto da variedade lingüística que ela integra. Ainda resta, nos materiais didáticos, a representação quase única da variante de referência, ou seja, do “francês de Paris.” (PERUCHI, 2004, p. 80)

O livro didático de FLE buscando representar a francofonia e sua diversidade, nesse sentido, deveria retratar não apenas a França ou trazer em suas produções (ou reproduções) sonoras somente a variante francesa de Paris, mas também os elementos

culturais e linguísticos dos demais países francófonos presentes nos cinco continentes do mundo. Logo, o que procuramos verificar, ao analisar o livro *Défi 1*, é o espaço atribuído à francofonia no material, sobretudo à francofonia ligada aos países africanos situados na África Subsaariana que, como vimos, constitui a maioria da população francófona mundial.

### 2.3. Negritude

O conceito de “negritude” nasceu no final dos anos 1930. Foi considerado uma corrente literária e política que juntou, inicialmente, escritores negros francófonos que reivindicavam a identidade negra e sua cultura.<sup>7</sup> Teve como principais expoentes o poeta senegalês e ex-presidente do Senegal – Léopold Sédar Senghor –, e o martiniquenho e poeta Aimé Césaire. Conforme aponta Campisi (2020), embora a paternidade do termo seja atribuída a Senghor, teria sido Césaire o primeiro a utilizá-lo na revista *L'Étudiant noir*, em março de 1939. O ex-presidente senegalês também atribui a origem do termo a Césaire: “Sou ainda mais livre para defender o termo que foi inventado, não por mim, como muitas vezes é dito erradamente, mas por Aimé Césaire.” (ROYNETTE, 2005, p. 70)<sup>8</sup> [Tradução minha]

Para Césaire, a negritude é definida como:

[...] o simples reconhecimento do fato de ser negro, e a aceitação desse fato, do nosso destino de Negro, da nossa história e da nossa cultura. [...] A negritude é um fato, uma cultura. É o conjunto de valores econômicos, políticos, intelectuais, morais, artísticos e sociais dos povos da África e das minorias negras da América, da Ásia e da Oceania. (ROYNETTE. 2005, p. 70)<sup>9</sup> [Tradução minha]

Percebe-se, portanto, que a negritude, embora em sua origem tenha sido associada à cor da pele negra, está intimamente relacionada a questões de ordem política e histórica:

<sup>7</sup> <http://www.toupie.org/Dictionnaire/Negritude.htm>. Acesso em 13 fev. 2021.

<sup>8</sup> No original: “Je suis d’autant plus libre de défendre le terme qu’il a été inventé, non par moi comme on le dit souvent à tort, mais par Aimé Césaire”.

<sup>9</sup> No original: “[...] la simple reconnaissance du fait d’être noir, et l’acceptation de ce fait, de notre destin de Noir, de notre histoire et de notre culture [...] La négritude est un fait, une culture. C’est l’ensemble des valeurs économiques, politiques, intellectuelles, morales, artistiques et sociales des peuples d’Afrique et des minorités noires d’Amérique, d’Asie et d’Océanie.”

*A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. Lembremos que, nos primórdios da colonização, a África negra foi considerada como um deserto cultural, e seus habitantes como o elo entre o Homem e o macaco. (MUNANGA, 2009, p. 19-20)*

Desse modo, mais que um simples neologismo, a negritude simboliza um movimento político que refuta a assimilação cultural imposta pelos povos dominantes, que colocaram os negros em um lugar de inferioridade e desumanização; um movimento de recuperação, reconhecimento e valorização das identidades e das culturas negras. Para Munanga (2009, p. 16), essa recuperação da identidade:

*[...] começa pela aceitação dos atributos físicos de sua *negritude* antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.*

Outros nomes importantes de intelectuais da época também se juntaram a Césaire e Senghor nessa busca pela revalorização da identidade negra, como o escritor guianense Léon-Gontran Damas e o filósofo e escritor francês Jean-Paul Sartre, que definiu a negritude como “a negação da negação do homem negro”<sup>10</sup>, ou seja, a negação do racismo criado pelo colonialismo.

É interessante perceber como o movimento da negritude também perpassa pela noção de francofonia, embora sob outras perspectivas. Como vimos no capítulo anterior, a ideia de francofonia tem sua origem no século XIX, como um produto da história colonial que reunia as terras colonizadas pela França. Na contramão dessa aparente homogeneização francófona proposta pelo colonialismo francês, a negritude – sob a perspectiva da francofonia –, apresenta-se como uma busca “[...] para tornar legítima a necessidade dos países africanos de buscarem sua autonomia através da construção da identidade nacional.” (DURÃO, 2011, p. 61)

<sup>10</sup> No original: “la négation de la négation de l’homme noir”. <https://lapresse.tn/60860/negritude-mouvement-litteraire-et-politique-en-noir/>. Acesso em 13 fev. 2021.

### 3. O livro *Défi 1*

Neste capítulo, será analisado o método de francês língua estrangeira *Défi 1*, tomado como objeto de estudo no presente trabalho. Na seção 3.1, será feita uma breve apresentação do livro; na seção 3.1.1, serão analisados os documentos de áudio a fim de identificar as variantes da língua francesa apresentadas no material; finalmente, nas seções 3.1.2 e 3.1.3 serão examinados, respectivamente, os documentos de vídeo e imagem com a finalidade de identificar a quantidade de pessoas negras bem como o(s) lugar(es) atribuído(s) a essas pessoas.

#### 3.1. Apresentando o livro *Défi 1*

O método *Défi 1* foi editado pela Maison des Langues e tem como autoras Fatiha Chahi, Monique Denyer e Audrey Gloanec. Direcionado a adolescentes e adultos, foi publicado em 2018, tendo sido adotado no Brasil no segundo semestre de 2019 e no início de 2020 pelas Alianças Francesas brasileiras e posteriormente por outras instituições. Apresenta-se como um método ancorado em uma perspectiva acional<sup>11</sup> e que coloca a cultura como elemento fundamental no processo de aprendizagem da língua.

Gloanec, uma de suas autoras, diz que o método é “[...] tanto uma jornada linguística quanto um convite para viajar, um mergulho na sociedade francófona, onde a cultura está a serviço de aquisições linguísticas [...]”<sup>12</sup>. No canal do *YouTube* da editora Maison des Langues, o vídeo de apresentação dos livros 1 e 2 do *Défi* apresenta-o igualmente como um método ancorado na realidade sociocultural francófona<sup>13</sup>.

O livro do aluno – material adotado como objeto de estudo nesta pesquisa – é estruturado da seguinte forma: possui 1 unidade de introdução, chamada de *dossier découverte* e 8 unidades de 14 páginas cada. Cada uma das unidades é composta por dois *dossiers* temáticos; são como duas subunidades dentro de uma única, totalizando 16 unidades (17 com o *dossier découverte*).

<sup>11</sup> Para Puren (2006), a perspectiva acional entende os alunos como atores sociais e, por isso, caracteriza-se pela pedagogia de projetos, que consiste em tarefas e atividades pedagógicas em que os aprendentes da língua são colocados em situações comuns do cotidiano. Sendo assim, percebe-se que a aquisição de competências linguísticas permitirá que os indivíduos sejam capazes de agir socialmente, não somente na sala de aula, como também em contextos externos ao ambiente de aprendizagem.

<sup>12</sup> Citação retirada do site da Aliança Francesa de São Paulo. Disponível em: <<https://www.aliancafrancesa.com.br/novidades/material-didatico/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

<sup>13</sup> Vídeo de apresentação da coleção *Défi* publicado no canal da editora Maison des Langues. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IHdNIFYjIrk>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Cabe destacar a importância dos livros didáticos em sala de aula, muitas vezes identificados como a única fonte de consulta de professores e alunos. Para Bergmann (2009, p. 41), o livro didático é "[...] um livro que funciona como fio condutor das atividades que serão desenvolvidas em aula, sendo frequentemente a única fonte de consulta e de leitura dos alunos e, às vezes, até mesmo do professor"<sup>14</sup> [Tradução minha]. Coracini (1999, p. 17) também aponta em suas pesquisas que "não raro, o(s) livro(s) didático(s) corresponde(m) à única fonte de consulta e de leitura dos professores e dos alunos".

Nesse sentido, tendo em vista que os livros didáticos possuem importante papel no processo de ensino-aprendizagem, é de suma importância refletir e analisar os conteúdos por eles apresentados nos materiais de ensino de língua estrangeira. Para Apple (1995), na maioria das vezes, os livros didáticos definem a cultura legítima a ser transmitida, que normalmente é a do grupo dominante, aquele que detém o poder.

Fazendo-se uma análise geral do *Défi 1*, foi possível constatar que, de fato, a cultura legítima a ser transmitida pelo livro é a cultura francesa. A França aparece em praticamente todas as unidades e subunidades do material. O país só não ganhou destaque na unidade 2, mas ainda assim não deixou de aparecer em imagens, áudios e em frases de conteúdos gramaticais. Foi o caso do exemplo *la France* (a França) e os exemplos *venir de Paris* (vir de Paris) e *Nous allons en France et en Allemagne* (Nós vamos à França e à Alemanha) que foram apresentados na página 39 como exemplos nos estudos sobre gêneros (feminino e masculino) de países e preposições de países e cidades. O vídeo dessa mesma unidade, intitulado *Les Français sont polis* (os franceses são educados), também traz a França não apenas em seu título, como também em seu conteúdo.

Além disso, o país esteve presente integralmente em uma unidade do livro, como é possível perceber na figura abaixo, ao se verificar os conteúdos socioculturais da unidade, representados à direita das imagens:

---

<sup>14</sup> No original: "[...] un livre qui fonctionne comme un fil conducteur pour les activités qui seront développées en classe et qui est souvent la seule source de consultation et lecture pour les apprenants et parfois même pour le professeur".



Figura 2 - *Défi 1* – Página 8

Podemos ver que os conteúdos socioculturais apresentados na unidade 1 são: Paris e seus lugares célebres, o metrô parisiense, as ruas e os *arrondissements*<sup>15</sup> de Paris, a França e os franceses, a pirâmide etária na França e as profissões tradicionalmente masculinas e femininas na França. As unidades 3 e 8 também foram compostas por elementos socioculturais majoritariamente atrelados à França.

### 3.1.1. Análise dos áudios

Esta seção dedica-se à análise dos áudios presentes no livro *Défi 1* com o intuito de identificar as variantes da língua francesa contempladas no primeiro livro da coleção da editora Maison des Langues. Procura-se identificar se as variantes da língua francesa foram apresentadas no material, principalmente as de países situados na África francófona negra. Estudos como os de Peruchi (2004), Gonçalves (2014) e Marangoni (2018) apontaram que a variante de Paris é a que predomina nos materiais didáticos de ensino de FLE.

Os áudios foram acessados no site da editora Maison des Langues destinado a professores e alunos que fazem uso dos materiais da editora, chamado *Espace Virtuel*<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Na França, a cidade de Paris, assim como Lyon e Marseille, possui uma divisão um pouco diferente da que costumamos encontrar em grandes cidades, que normalmente são divididas em bairros. A cidade é dividida em 20 demarcações administrativas chamadas de “arrondissements”.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://espacevirtuel.emdl.fr/>. Acesso em: 12 set. 2020.

O gráfico abaixo apresenta as variantes de língua francesa encontradas. No total, o livro do aluno *Défi 1* possui 48 faixas de áudio que se dividem entre as 8 unidades (mais o *dossier découverte*) apresentadas no livro. Para a análise, foram consideradas apenas 47 faixas, pois a faixa 28 é constituída apenas por ruídos, pois, na atividade atrelada a esse áudio, os alunos precisavam identificar onde se passava cada situação. Assim, foram encontrados os seguintes números:

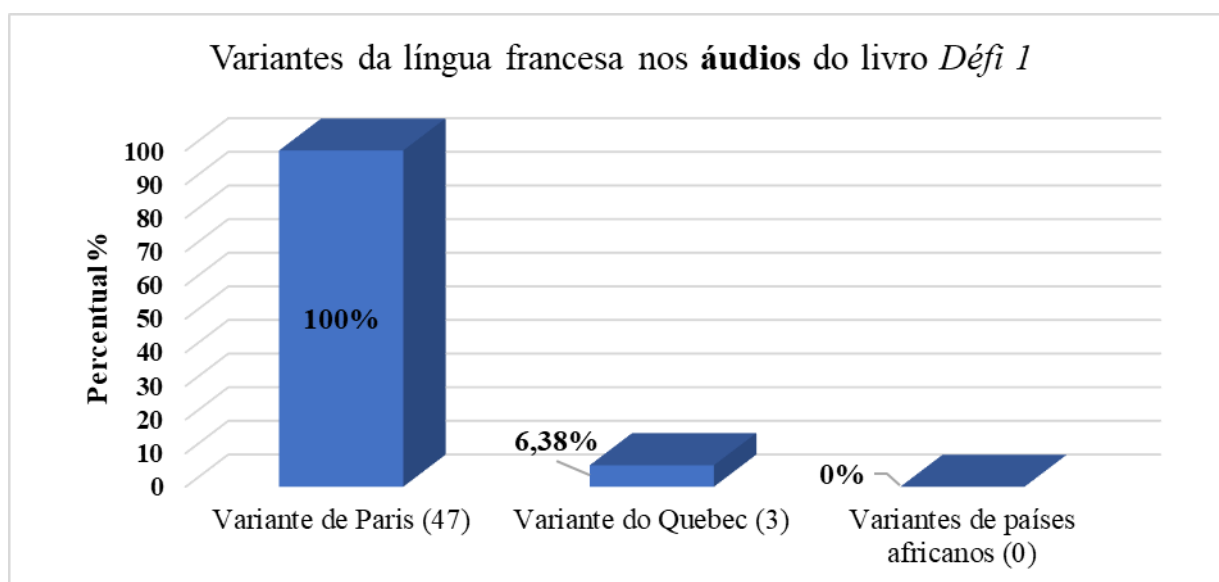


Gráfico 1 - Variantes da língua francesa nos áudios do livro *Défi 1*

O gráfico aponta que o livro não se deteve apenas à apresentação da variante da língua francesa de Paris, apresentando também personagens do Quebec que se expressavam na sua variante. No entanto, a quantidade foi muito pequena, pois essa representação apareceu em apenas 3 das 47 faixas analisadas. Observa-se ainda que, mesmo nos áudios em que outra variante aparecia, a variante de Paris também estava presente, estando, desse modo, presente em 100% dos áudios, ou seja, em todas as faixas de áudio do livro do aluno.

Vale ressaltar que, em muitas faixas, havia estrangeiros francófonos de países do continente africano, como beninenses, senegaleses e marroquinos. Mas, diferentemente dos personagens do Quebec, esses personagens foram apresentados usando a variante de Paris, tendo suas identidades linguísticas apagadas, assim como também aconteceu nos vídeos, como veremos na próxima seção. Dessa forma, conclui-se que não houve espaço para a negritude francófona no material em termos de representações linguísticas. Apenas as variantes da língua francesa do Quebec e de Paris foram contempladas.

### 3.1.2. Análise dos vídeos

Nesta seção, busca-se verificar e refletir sobre a quantidade de pessoas negras presentes nos vídeos do livro *Défi I* a fim de averiguar a presença da negritude francófona no material. Os vídeos também foram consultados no *Espace Virtuel* da editora Maison des Langues. Além disso, também será feito um levantamento sobre as variantes da língua francesa presentes nessas produções audiovisuais.

Antes de identificar e contabilizar as pessoas negras, é importante levantar algumas considerações sobre o que é, de fato, ser negro. Afinal, conforme aponta Munanga (1986), o conceito de identidade é muito mais complexo do que se possa imaginar, englobando não apenas fatores raciais, como também históricos, psicológicos, linguísticos, culturais e político-ideológicos.

Para Ndiaye (2008, p. 82), ser negro não é “[...] nem uma essência, nem uma cultura, mas o produto de uma relação social: há Negros por que há quem os considere como tal.”<sup>17</sup> Segundo o autor, existem, no entanto, dentro dessa categoria historicamente construída, subgrupos caracterizados pela cor de pele mais ou menos escura e que, por isso, desfrutaram – e desfrutam ainda hoje – de tratamentos diferenciados ao longo da história.

Sabe-se que a noção de *raça* foi criada para justificar as relações de dominação colonial existentes, sobretudo, no regime escravagista. Dentro dessa perspectiva, a cor da pele desempenhava um papel importante nessas relações de soberania de uns em detrimento de outros. Em geral, “[...] os escravos de pele clara eram mais bem considerados que os outros, gozavam de um status mais elevado.” (NDIAYE, 2008, p. 90)<sup>18</sup> Nesse sentido, entende-se que o colorismo – termo cunhado pela primeira vez pela escritora americana Alice Walker – configura-se como uma vertente do racismo. A pele mais clara:

[...] significava um grau de inteligência, de beleza, de habilidades para as tarefas delicadas e de compreensão das demandas dos Brancos [...] Mas os escravos jamais eram completamente brancos, e a divisão racial continuava bem situada nos imaginários.” (NDIAYE, 2008, p. 91)<sup>19</sup>

<sup>17</sup> No original: “[...] ni une essence, ni une culture, mais le produit d’un rapport social : il y a des Noirs parce qu’on les considère comme tels.” [Tradução minha]

<sup>18</sup> No original: “[...] les esclaves à peau claire étaient mieux considérés que les autres, jouissaient d’un statut plus élevé [...]” [Tradução minha]

<sup>19</sup> No original: “[...] signifiait un degré d’intelligence, de beauté, d’aptitudes aux tâches délicates et de compréhension des demandes des Blancs. [...] Mais les esclaves n’étaient jamais tout à fait blancs, et la division raciale restait bien en place dans les imaginaires.” [Tradução minha]



É importante frisar que essa hierarquia racial não se restringia apenas às classificações pela cor de pele. Como indica Bourgeois (2013, p. 34):

Nesse tipo de taxonomia colonial, a cor da pele não era o único critério fisionômico a interferir na categorização do indivíduo. Outros elementos como os traços do rosto (sobretudo nariz e boca), assim como o tipo de cabelo, vinham completar cada fenótipo religando o branco e o negro.<sup>20</sup>

O fim do regime escravocrata não significou, no entanto, o fim dessa hierarquização social baseada em categorias raciais. Ao contrário, ela serviu para criar “[...] indivíduos sem identidade, que recusam se identificar como negros, mesmo sendo rejeitados pelo grupo dominante.” (NDIAYE, 2006, p. 84)<sup>21</sup> Desse modo, percebe-se que o colorismo criou conflitos até mesmo dentro da comunidade negra:

A tolerância do sujeito negro de pele clara [...] cria por vezes uma rivalidade entre estes e os negros de pele escura, que têm que lutar por seu direito a mobilidade sem qualquer tipo de vantagem. Surge então, um sentimento de injustiça que pode intensificar a falsa idéia de que as pessoas de pele clara não seriam negras, já que têm o “mesmo” acesso e desfrutam da mesma liberdade de locomover-se em todos os espaços como as pessoas brancas. Esse acesso e tolerância levam também muitas pessoas negras de pele mais clara a duvidar de sua negritude, enquanto as pessoas negras de pele escura passam a entender suas vivências mais desveladas do racismo como uma reafirmação e prova da originalidade de sua negritude. (DJOKIC, 2015, s.p.)

Com base no exposto, destaca-se que a contabilização de pessoas negras considerou não apenas as pessoas de pele mais retinta (escura), como também traços fenotípicos que remetem a pessoas negras. Acrescenta-se ainda que a opção pela oposição *pessoas negras versus pessoas não-negras* se deu pelo reconhecimento e respeito a outros grupos étnico-raciais que não poderiam se resumir à categoria *pessoas brancas* em uma suposta oposição *pessoas negras versus pessoas brancas*.

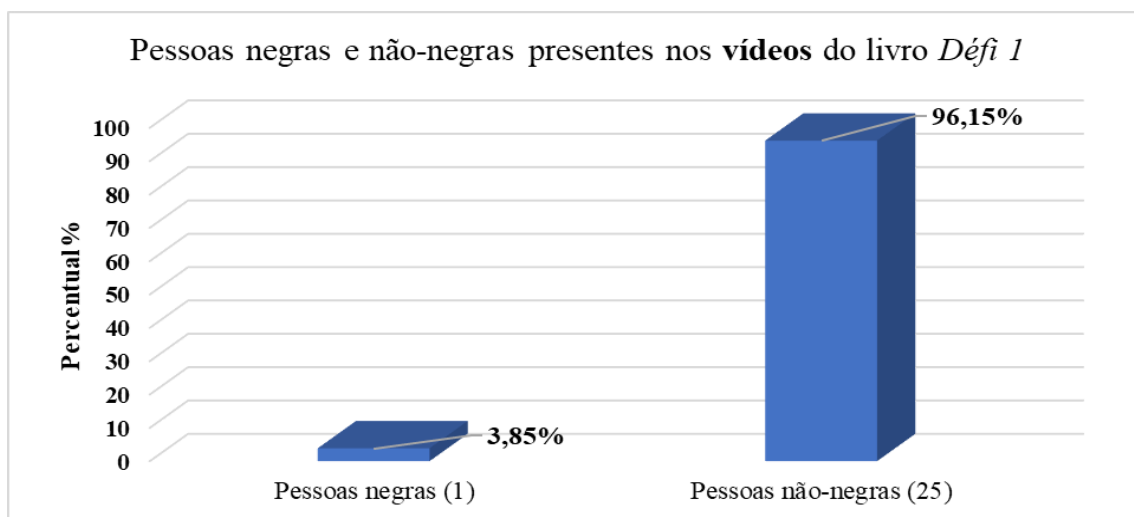
Na análise da quantidade de pessoas negras presentes nos vídeos, ressalta-se que foram contabilizadas apenas as pessoas que aparecem e se expressam de forma explícita, respondendo a perguntas em uma entrevista, protagonizando propagandas comerciais ou apresentando seu cotidiano, por exemplo. Não foram contabilizadas,

<sup>20</sup> No original: “Dans ce type de taxinomie coloniale, la couleur de la peau n’était pas le seul critère physiologique à intervenir dans la catégorisation d’un individu. D’autres éléments comme les traits du visage (nez et bouche principalement) ainsi que le type de cheveux venaient compléter chaque phénotype reliant le blanc et le noir.” [Tradução minha]

<sup>21</sup> No original: “[...] des individus sans identité, qui refusent de s’identifier au monde noir tout en étant rejetés par le groupe dominant.” [Tradução minha]

portanto, pessoas representadas em animações, sendo excluídas também aquelas que aparecem fora do primeiro plano dos vídeos, o que dificultaria a contagem.

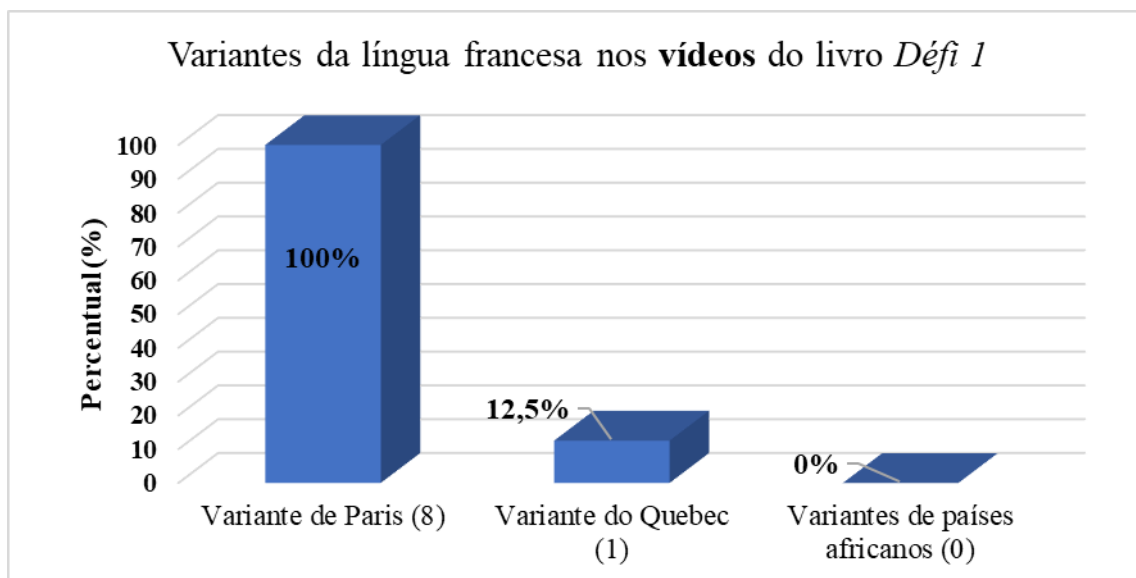
O gráfico abaixo mostra a quantidade de pessoas negras presentes nos vídeos. No total, foram contabilizadas 26 pessoas que apareceram em diferentes situações do cotidiano. O resultado encontrado foi o seguinte:



**Gráfico 2 - Pessoas negras e não-negras presentes nos vídeos do livro *Défi 1***

Ao analisar o gráfico, podemos constatar que, das 26 pessoas presentes nos documentos, apenas 1 pessoa é negra. Trata-se de um homem negro, Vincent, que aparece em um vídeo publicitário da empresa de compartilhamento de viagens *Blablacar*. Das 8 pessoas presentes no vídeo em questão, que foi o da unidade 7, apenas 1 é negra. E foi a única pessoa negra encontrada nos vídeos. Destaca-se ainda que Vincent, embora seja apresentado como arquiteto, não é a pessoa que compartilha seu carro com os demais passageiros, mas sim a pessoa que usa o serviço com o objetivo de tornar seu deslocamento mais barato.

De modo semelhante ao que foi possível verificar na análise dos áudios, a França também está majoritariamente presente em termos de representações linguísticas nos vídeos do primeiro livro da coleção *Défi*. No que tange às representações das variantes da língua francesa, apenas um vídeo apresentou uma variação, como podemos verificar no gráfico abaixo:



**Gráfico 3 - Variantes da língua francesa nos vídeos do livro *Défi 1***

Ao analisar o gráfico, podemos perceber que, de forma semelhante ao que aconteceu na análise dos áudios, a variante da língua francesa de Paris também esteve presente em 100% das produções. Dos 8 vídeos analisados, apenas 1 apresentou a variante do Québec, mas a estudante quebequense apresentada na reportagem estava em Paris e teve sua história narrada por jornalistas francesas. Mais uma vez, também não houve espaço nas produções audiovisuais para a representação das variantes da língua francesa de países africanos.

Analisando especificamente os conteúdos apresentados nos vídeos, é possível constatar que as representações sociais da francofonia também são limitadas. Como veremos abaixo, todos os documentos apresentaram situações que remetiam direta ou indiretamente à França, o que evidentemente não contemplou a pluralidade francófona de que já falamos nesta pesquisa.

O primeiro vídeo, intitulado *Portrait d'une femme dans un métier d'hommes* (“Retrato de uma mulher em uma profissão de homens”), apresenta uma propaganda da empresa francesa SNCF<sup>22</sup> para encorajar mulheres a ocuparem o posto de maquinista, cargo ocupado majoritariamente por homens.

Os vídeos 2 e 3 são duas animações: a primeira, cujo título é *Les Français sont polis* (“Os franceses são educados”), representa um francês que está nos Estados Unidos e, ao entrar em uma loja, usa palavras como *bonjour* (“bom dia” ou “boa tarde”), *merci* (“obrigada”), *bonne journée* (“tenha um bom dia”) e *au revoir* (“tchau”); a segunda,

<sup>22</sup> A SNCF (*Société Nationale des Chemins de Fer Français*) é uma empresa pública francesa que se ocupa da gestão dos transportes ferroviários na França.

intitulada *Un diner en famille: rapsodie pour un pot-au-feu* (“Um jantar em família: rapsódia para um *pot-au-feu*”), apresenta uma agitada família que prepara seu jantar – um *pot-au-feu* –, um prato tradicional francês que consiste em um cozido de carne com legumes.

O quarto vídeo, chamado *Les chambres de bonne à Paris* (“Os quartos de empregada em Paris”), consiste em uma reportagem que apresenta uma jovem estudante quebequense que está morando na capital francesa e fala sobre as dificuldades de morar em um ambiente pequeno e mal equipado.

O vídeo seguinte, intitulado *Pour ou contre le travail du dimanche?* (“A favor ou contra o trabalho aos domingos?”) apresenta franceses que foram interrogados pelo jornal 28 Minutes, exibido no canal franco-alemão Arte. Pelas imagens, é possível perceber que as pessoas foram interpeladas nas ruas de Paris.

O vídeo 6, chamado *Les Français et la musique* (“Os franceses e a música”), apresenta dados estatísticos que revelam a relação dos franceses com a música, enquanto o vídeo 7 – *Le covoiturage avec Blablacar* (“A carona solidária com o *Blablacar*”) apresenta uma propaganda da empresa *Blablacar* incentivando a prática do compartilhamento de viagens. Como vimos, esse foi o único vídeo, de todo o livro, que apresentou uma pessoa negra.

Finalmente, o vídeo 8, fechando essa sequência audiovisual um tanto quanto ufanista, apresenta um chefe francês que explica, em um evento universitário chamado *La semaine du goût* (“A semana do sabor”) – nome atribuído ao título do vídeo –, como fazer comidas saudáveis e baratas.

Sendo assim, a análise dos documentos audiovisuais permite concluir que todos os vídeos do *Défi 1* se passam na França ou evocam elementos da cultura francesa. Além disso, ao se analisar as variedades do francês presentes nas produções, o único que apresentou uma variante diferente foi o vídeo 4, em que a estudante quebequense fala sobre o quarto onde mora em Paris, não havendo espaço para representação de variantes de países africanos.

Desse modo, foi possível perceber que, tanto na análise dos vídeos, quanto nos áudios, não houve presença de variantes da língua francesa do continente africano. Diferentemente dos quebequenses, por exemplo, que foram apresentados tendo seus modos de falar respeitados e reconhecidos, os povos africanos sempre eram apresentados se expressando na variante de Paris.

Em *Pele negra, máscaras brancas* (1952), obra escrita pelo filósofo e psiquiatra Frantz Fanon, o autor fala sobre o fenômeno de amputação do ser, no qual o negro se identifica como “quase branco” ao assimilar a linguagem do colonizador, passando, desse modo, a negar sua própria linguagem afim de se afastar da condição de selvagem em que fora historicamente colocado.

No livro analisado, foi possível perceber que, em todas as 47 faixas de áudio, os francófonos oriundos de países africanos sempre se expressavam usando a variante de Paris. Nos vídeos, eles sequer apareceram, pois, como visto anteriormente, todas as situações se passaram na França ou retrataram elementos que remetem à cultura francesa.

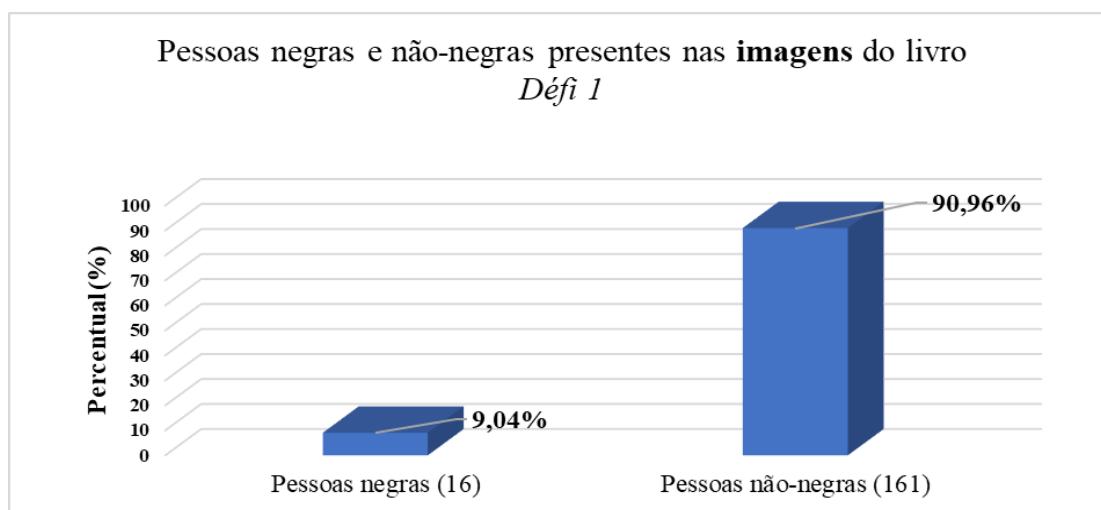
### **3.1.3. Análise das imagens**

Esta seção dedica-se à contagem de pessoas negras presentes nas imagens do livro analisado nesta pesquisa bem como à realização de uma análise de imagens que representam aspectos socioculturais de países francófonos situados na África Subsaariana. Busca-se identificar a quantidade de pessoas negras e não-negras presentes no material a fim de constatar se os números refletem a realidade francófona, que, como vimos anteriormente, é composta majoritariamente por pessoas negras que se encontram no centro-sul do continente africano. Além disso, também serão analisados os lugares atribuídos a essas pessoas no material.

Inicialmente, é importante destacar que nem todas as pessoas presentes no material foram contabilizadas. Desenhos representando seres humanos não foram considerados. Pessoas que foram representadas em páginas iniciais, ilustrando as capas das unidades ou a capa do livro, não entraram na contagem, tendo em vista que seriam apresentadas novamente no decorrer do material. Também não entraram nos números as pessoas que tinham seus rostos cobertos, assim como também não foram consideradas aquelas que estavam em segundo plano nas imagens ou fantasiadas, o que dificultaria a contagem. Pessoas representadas em tamanhos muito pequenos também não foram consideradas, pois não seria possível identificá-las com facilidade. Adotados esses critérios, ficaram excluídas as pessoas representadas nas seguintes páginas: capa, 3, 4, 5, 8, 10, 12, 18 (apenas a mulher do centro foi considerada), 33, 34, 42, 43, 75, 90, 91, 93, 108, 114 e 118. Também não entraram na contagem as pessoas representadas nas

imagens que retratavam trechos dos vídeos do livro, já que foram contabilizadas na seção 3.1.2.

A análise das imagens presentes no livro permitiu concluir que a presença de pessoas negras nas páginas do material é consideravelmente menor que a quantidade de pessoas não-negras. No total, foram contabilizadas 177 pessoas, e os resultados apontaram o seguinte:



**Gráfico 4 - Pessoas negras e não-negras presentes nas imagens do livro *Défi 1***

Ao se observar o gráfico, é evidente a desigualdade quando se pensa na quantidade de pessoas negras e não-negras presentes no material. Como indicado, esse número não corresponde nem a 10% do total de pessoas presentes no livro, muito longe da realidade francófona constatada no último relatório da OIF, como pudemos ver na seção 2.2, cujos dados indicaram que mais de 40% dos locutores quotidianos de francês se encontram na África Subsaariana, que é composta majoritariamente por pessoas negras.

Uma análise geral das imagens permitiu perceber que muitas vezes as pessoas negras tinham suas identidades apagadas, ora sendo representada em situações gerais, ora sendo colocadas dentro da categoria “francofonia” de uma forma generalizada, o que parece também estar relacionado à noção de amputação do ser proposta por Fanon, como vimos na seção 3.1.2. Essa amputação de que fala Fanon não só extrapola o nível da linguagem no material analisado, como também engloba aspectos socioculturais. Conforme aponta Kilomba (2019, p. 39), “[...] no racismo, o indivíduo é cirurgicamente retirado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter.”

É de extrema importância destacar que a *negritude* francófona não se restringe ao continente africano, incluindo também os demais países da francofonia, dentre os quais a França. Embora as imagens veiculadas no Brasil e no mundo representando a França ainda mostrem os franceses como pessoas brancas, o país atualmente não se apresenta da mesma forma:

Assim sendo, na retratação do povo francês não está em questão o multiculturalismo característico da França atual. Movimentos migratórios em direção à França e suas consequências no plano cultural são apagados em nome da representação de um (mesmo) povo francês, em nome da retratação de uma sociedade homogênea, onde não há lugar para a diferença. (PERUCHI, 2004, p. 96)

Isso também pode ser verificado no material analisado. Ao observar suas imagens, foi possível perceber que, muitas vezes, os negros foram colocados fora da França, como podemos notar na sequência de imagens abaixo:



Figura 3 - Défi 1 - Página 35



Figura 4 - Défi 1 - Página 40



Figura 5 - Défi 1 - Página 63



Figura 6 - Défi 1 - Página 83

Na Figura 3, a imagem 1 representa o personagem Abdel que é marroquino e mora na Bélgica; a Figura 4 representa o personagem Kalidou que é estrangeiro, assim como Salif na Figura 5, que também é um estudante estrangeiro que está na Europa; na Figura 6, a personagem Lilly é belga. Ou seja, parece haver uma incompatibilidade entre ser *negro* e ser *francês*. Junta-se a isso o fato de muitos personagens negros não terem suas identidades reveladas, como vimos anteriormente.

Uma análise atenta das imagens permitiu também perceber que indivíduos situados no continente africano foram frequentemente colocados na posição de objeto, e não de sujeitos. Para hooks<sup>23</sup> (1989), sujeitos são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, de estabelecer suas próprias identidades e de nomear suas histórias. No entanto, quando colocados na posição de objetos, têm sua realidade definida por outros.

Em unidades que tratavam de elementos socioculturais de países francófonos, frequentemente havia pelo menos um nativo do país que falava sobre o assunto tratado. Foi o que aconteceu na unidade 2, que apresentou a festa belga Zinneke Parade e tinha um dos personagens de nacionalidade belga. A atividade seguinte também teve um belga que respondeu um questionário sobre seu país. Na unidade 3, são famílias francesas que falam dos tipos de família na França. Ao final da unidade 5, três pessoas –

<sup>23</sup> O nome da escritora estadunidense bell hooks foi escrito em letras minúsculas respeitando a vontade da autora, que assim o deseja com o intuito de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não a sua pessoa.



uma belga, um francês e uma russa – falam sobre seu ritmo de trabalho, que foi o tema da sequência apresentada, que falava dos três países. No entanto, isso nem sempre aconteceu com países africanos. É o que podemos perceber nas duas imagens abaixo, de unidades apresentadas no livro que falavam do Marrocos e da Costa do Marfim:

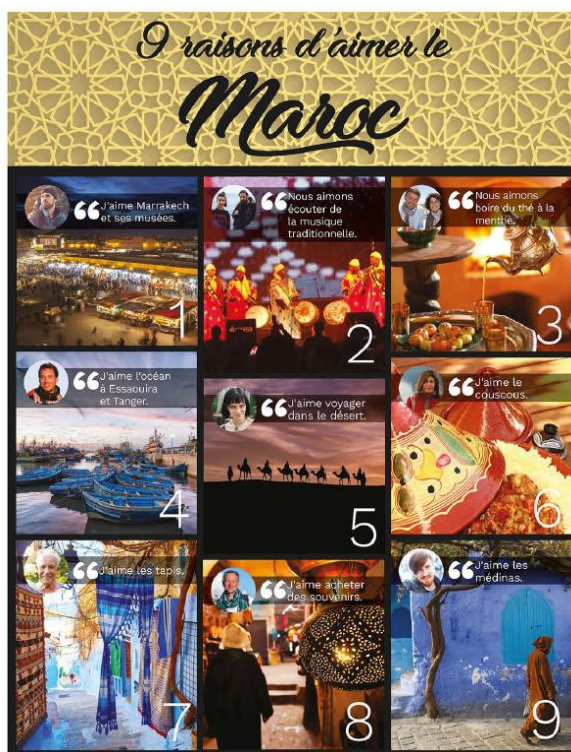


Figura 7 - Défi 1 - Página 42

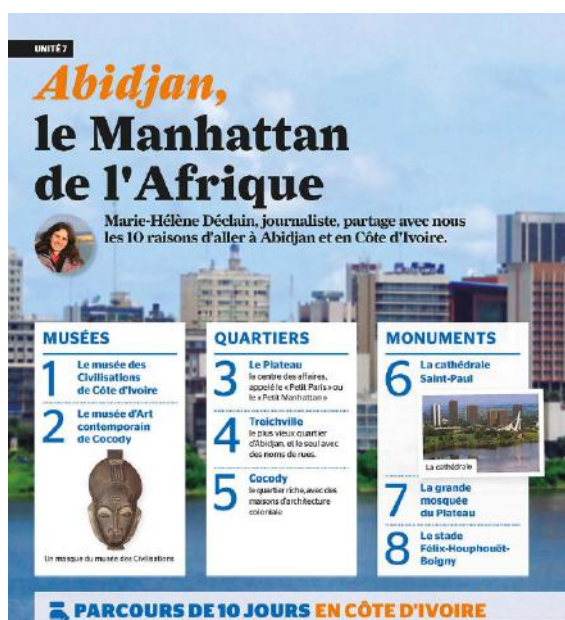


Figura 8 - Défi 1 - Página 104

Na Figura 7, retirada da unidade 2, turistas apresentam 9 motivos para se visitar o Marrocos. Já na Figura 8, retirada da unidade 7, é a personagem chamada Marie-Hélène Dèclain, uma jornalista, que apresenta 10 motivos para ir a Abidjan, considerada a *Manhattan da África*, conforme indica o próprio título da imagem. Em seu capítulo intitulado “Quem pode falar?”, Grada Kilomba (2019, p. 48) discorre sobre a impossibilidade de fala dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo, em que os colonizados são “incapazes de falar”, sendo seus discursos considerados “insatisfatórios e inadequados e, nesse sentido, silenciosos”.

Como vimos, o movimento da negritude surgiu justamente com o objetivo de recuperar as identidades e as culturas negras que foram vítimas de um apagamento histórico por parte dos povos colonizadores dominantes. Consistiu – e consiste até hoje –, portanto, em uma tentativa de fazer com que os povos negros colonizados tomassem as rédeas da sua própria história, podendo, por exemplo, falar sobre suas próprias culturas em primeira pessoa.

Finalmente, após uma observação das imagens, foi possível perceber que ainda se atribui aos negros características que estão relacionadas à selvageria e à animalização, assim como podemos notar nas imagens abaixo:



Figura 9 - Défi 1 - Página 97

12. Lisez les profils d'Amina et Roger. Que pensez-vous de ce qu'ils mangent chaque semaine? Répondez à l'aide des étiquettes.

peu de/d'

assez de/d'

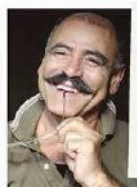
beaucoup de/d'

trop de/d'



Par semaine, Amina mange...

- 3 kg de viande
- 12 oeufs
- 3 pommes
- 2 kg de pâtes
- 10 tablettes de chocolat
- 6 litres de boissons sucrées
- 1 tomate



Par semaine, Roger mange...

- 2 salades
- 1 kg de poisson
- 1 kg de bananes
- 800g de fromage
- 4 litres de lait
- 1 kg de pain
- 2 gâteaux

• Pour moi, Amina mange trop de viande.

Figura 10 - Défi 1 - Página 121

Na Figura 9, inserida dentro de uma sequência sobre destinos de férias para amigos, é atribuído ao Benin, país francófono situado na África Subsaariana, o lugar da selvageria: “Você sonha com a natureza selvagem? Nós propomos que você visite o Benin”. A França, que aparece em duas das quatro imagens, é apresentada como um bom destino para festas (a região conhecida como Côte d’Azur) e para aqueles que gostam de comer e fazer boas refeições (o departamento de Aveyron). A Reunião, que também está situada na África Subsaariana, foi o destino escolhido para aqueles que gostam de aventuras.

Curiosamente (ou não), a Reunião é um departamento ultramarino francês, o que quer dizer, politicamente, que se trata de uma extensão territorial da França, por ser um território integrado ao país. Isso quer dizer que as leis e regulamentações aplicadas na França também o são nesses departamentos, embora haja especificidades políticas em cada um. Desse modo, não parece à toa a representação da região como um lugar de aventuras e não de selvageria, como aconteceu com o Benin. A natureza selvagem também está presente na França e na Reunião, assim como o Benin também pode ser um lugar para quem procura fazer descobertas gastronômicas.

Na Figura 10, inserida dentro de uma sequência sobre alimentação, é a personagem negra que se alimenta mal. Conforme indicado na imagem, a personagem Amina come, por semana, 3 quilos de carne, 12 ovos, 3 batatas, 2 quilos de massa, 10 tabletes de chocolate, 1 tomate e bebe 6 litros de refrigerante. Com uma alimentação tão desregrada, dificilmente a pessoa teria um biotipo como o da personagem apresentada.

É igualmente difícil pensar em alguém que come, em apenas uma semana, as quantidades de carne, de massa e de chocolate apresentadas na imagem. Para Santos (2002, p. 280), “Se o branco representa a razão, o belo, o bom, o justo... a humanidade, ou seja, simboliza os valores desejáveis, o negro, por sua vez, pode representar a desrazão, a loucura (a bÍlis negra que obscurece), o feio, o injusto, a animalidade.”

Desse modo, as análises permitiram identificar que a quantidade de pessoas negras no material é consideravelmente menor que a de pessoas não-negras. Além disso, foi possível notar que a negritude francófona é normalmente associada ao continente africano, excluindo os negros da França. Ademais, foi possível identificar que ainda é atribuída a ideia de selvageria e animalização aos negros, características que começaram a ser atribuídas nos primórdios da colonização e que se perpetuaram ao longo do tempo.

#### 4. Considerações finais

No presente trabalho, procurou-se refletir sobre as representações sociais e linguísticas da francofonia focadas na negritude da África Subsaariana, tomando-se como objeto de estudo o livro de francês língua estrangeira *Défi 1*, da editora Maison des Langues. A escolha pelo livro se deu pelo fato de as Alianças Francesas brasileiras o terem adotado, o que influenciou e influencia também outras instituições de ensino do idioma. A pesquisa, que se deteve na análise dos documentos de áudio, vídeo e imagem do livro escolhido, demonstrou o pouco espaço atribuído à negritude francófona do continente africano. Além disso, foi possível identificar também não apenas o silenciamento desses povos, como também a atribuição de características como a selvageria.

No que diz respeito às representações linguísticas da francofonia, foi possível constatar que o livro contemplou não apenas a variante da língua francesa de Paris, como também a do Canadá (do Quebec). No entanto, a análise dos áudios e dos vídeos não identificou nenhuma variante de países africanos. Ao contrário, nativos desses países se expressavam na variante de Paris. Entende-se que um material assim só reforça as concepções dos alunos e alunas sobre a língua francesa que geralmente associam o idioma à França. Como vimos em Teixeira (2016), não trazer as variantes de países africanos nos materiais de ensino do idioma francês contribui para a delimitação de representações linguísticas no que tange ao pluralismo francófono.

Considerando-se as representações sociais da francofonia focadas na negritude da África Subsaariana, constatou-se igualmente o pouco espaço atribuído a esses países. Geralmente, países africanos eram abordados em situações de viagem, diferentemente de países como França, Bélgica, Suíça e Canadá (países mais representados) que apresentaram aspectos socioculturais como família, trabalho, moradia, relações afetivas, rotina quotidiana e educação. Reduzir esses países a destinos de viagem é fazer com que os alunos e alunas que aprendem a língua francesa só os associem a esse contexto, como se esses povos também não tivessem suas rotinas e seus modos de viver. Para a escritora nigeriana Chimamanda Nzgozie Adichie (2009, p. 22), “É assim que cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.”

Além disso, vimos também que a visão do negro como ser “primitivo, inferior” (MUNANGA, 1986, p. 9) foi corroborada pelo livro analisado. Se, nos vídeos,

encontramos apenas uma pessoa negra – das 26 apresentadas –, nas imagens esse número foi igualmente inferior – 16 pessoas negras contra 161 não-negras. Ademais, foi possível constatar que pessoas negras tiveram, muitas vezes, suas identidades apagadas, além de serem representadas negativamente – como foi o caso da personagem Amina – e terem seu país associado a um lugar de natureza selvagem, como foi o caso do Benin.

Para Derrida (2003), aprender uma língua estrangeira é também ter acesso a um mundo cultural que se exprime naquela língua. Nesse sentido, aprender uma língua estrangeira deve permitir que os estudantes possam entrar em contato não somente com a diversidade sociocultural dos povos que falam aquela língua, como também com sua diversidade linguística. Como vimos, os países francófonos estão presentes nos cinco continentes do mundo e, juntos, somam mais de 235 milhões de indivíduos que nascem e vivem na língua francesa. Se, desse total, cerca de 60% estão situados no continente africano, esses números precisam, mais do que nunca, se refletir nos materiais de ensino de língua francesa.

Vimos a importância do livro didático em sala de aula, que muitas vezes acaba sendo a única fonte de consulta não apenas de alunos e alunas, como também de professores e professoras. Ao constataremos, no primeiro livro da coleção *Défi*, o pequeno e delimitado espaço atribuído à negritude francófona, defendemos que outras fontes sejam consultadas, como *sites* e até mesmo outros livros do ensino do idioma que possam eventualmente abordar determinados temas de outras formas. Atualmente, existe uma vasta produção de conteúdos na internet que podem contribuir para que os estudantes de FLE tenham uma visão mais ampla e justa da francofonia, não apenas da francofonia de países africanos, como também de outros continentes, afinal:

Na batalha das línguas, a francofonia dispõe de notável vantagem com os seus múltiplos legados culturais, ricos e hábeis a captar vastas audiências pelo mundo. Constitui uma evidência a multiplicidade de memórias, de tradições, de imaginários, de possibilidades de mestiçagem, de possíveis narrativas e de criações inovadoras, constituindo, outrossim, um mecanismo para sua irradiação e para sua capacidade de atração, o mesmo ocorrendo com a língua francesa. (ROY, 2010, p. 211-212).

Desse modo, entende-se que retratar a francofonia – sobretudo a negritude francófona de países situados na África Subsaariana, que constitui a maioria em relação aos demais países –, não deve se limitar apenas à apresentação desses países como simples destinos turísticos (lugares de passagem), devendo também abordar suas histórias, suas

crenças, suas tradições, suas possibilidades e seus cotidianos. É igualmente necessário que as variantes da língua francesa sejam inseridas nesses materiais, de modo a contemplar a rica e vasta pluralidade linguística da francofonia.

## 5. Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozie. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2009.

APPLE, Michael. Cultura e comércio do livro didático. In: **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 81-105.

BERGMANN, Juliana C. F. **Manuel et Transposition dans l'enseignement des langues** : entre savoir à enseigner, savoirs enseignés et savoirs appris, le manuel comme instrument de motivation : étude d'un exemple dans l'enseignement actuel du français langue étrangère au Brésil. 2009. 302 f. Thèse (Doctorat de sciences du langage) – Université Lumière, Lyon, 2009. Disponível em: <<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01540253/document>>. Acesso em 19 jan. 2021.

BOURGEOIS, Catherine. Dis-moi quelle est la couleur de ta peau et je te dirai qui tu es : Phénotype, langage et stéréotypes en République Dominicaine. **Civilisations** – Revue internationale d'anthropologie et de sciences humaines, vol. 62, n. 1, p. 31-50, dez. 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/civilisations/3335#quotation>>. Acesso em 19 jan. 2021.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Prefácio de Gilvan Müller de Oliveira; tradução de Isabel de Oliveira, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, IPOL, 2007.

CAMPISI, Alfonso. **'Négritude', mouvement littéraire et politique 'en noir'**. LaPresse, 2020. Disponível em: <<https://lapresse.tn/60860/negritude-mouvement-litteraire-et-politique-en-noir/>>. Acesso em 13 fev. 2021.

CHAHIL, Fatiha; DENYER, Monique; GLOANEC, Audrey. **Défi 1** – Livre de l'élève. Paris: Maison des Langues, 2018.

CORACINI, M. J. O livro didático nos discursos da Linguística Aplicada e da sala de aula. In: CORACINI, M. J. (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. São Paulo: Pontes, 1999.

DENIAU, Xavier. **La francophonie**. 5. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. (Coleção Que sais-je?).

DERRIDA, Jacques. **Voyous**. Paris: Galilée, 2003.

DJOKIC, Aline. **Colorismo**: o que é e como funciona. Geledés, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em 15 fev. 2021.

DURÃO, Gustavo de Andrade. **A construção da Négritude**: a formação da identidade do intelectual através da experiência de Léopold Sédar Senghor (1920-1945). 2011.



Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s. n.], 2011. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279300/1/Durao\\_GustavodeAndrade\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279300/1/Durao_GustavodeAndrade_M.pdf)>. Acesso em 15 fev. 2021.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Les Éditions du Seuil, 1952. Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/classiques/fanon\\_franz/peau\\_noire\\_masques\\_blancs/peau\\_noire\\_masques\\_blancs.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/fanon_franz/peau_noire_masques_blancs/peau_noire_masques_blancs.pdf)>. Acesso em 11 jan. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Helena da Conceição. **A francofonia e a formação de professores de francês língua estrangeira no estado do Rio de Janeiro**. 2014. 76 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/3103>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

GRÁCIO, M. M. C.; GARRUTTI, É. A. Estatística aplicada à educação: uma análise de conteúdos programáticos de planos de ensino de livros didáticos. **Revista de Matemática e Estatística**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 107-126, abr. 2005.

GUISAN, Pierre F. Georges. O paradigma da francofonia: os discursos entre mitos, realidades, e perspectivas. In: PONTES Geraldo e ALMEIDA CLAUDIA (orgs.). **Relações Literárias Internacionais: Lusofonia e Francofonia**. Niterói - RJ: Instituto de Letras da UFRJ/EdUFF, 2007. p. 77-87.

HOOKS, Bell. **Talking Back: Thinking Feminist, Talking Black**. Boston: South End Press, 1989.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KIRSCHBAUM, Charles. Decisões entre pesquisas *quali* e *quanti* sob a perspectiva de mecanismos causais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 28, n. 82, p. 179-193, jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n82/v28n82a11.pdf>. Acesso em 02 fev. 2021.

LECLERC, Jacques. **L'aménagement linguistique dans le monde**. Québec: TLFQ, Université Laval, 2014.

MARANGONI, Giacomo. **Enseigner le français ou les français ? La place de la variation dans les méthodes d'enseignement**. 2018. 116 f. Tesi di Laurea. Università Ca'Foscari Venezia, Venezia, 2018. Disponível em:

<<http://dspace.unive.it/bitstream/handle/10579/14171/866007224671.pdf?sequence=2>>.  
Acesso em : 12 set. 2020.

MOSCOVICI, Serge. **As Representações Sociais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Editora Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NDIAYE, Pap. **La condition noire**. Essai sur une minorité française. Paris: Calmann-Lévy, 2008.

OIF. **La langue française dans le monde**: 2015-2018. Paris: Gallimard, 2019. 366 p. Disponível em: <[https://www.francophonie.org/sites/default/files/2020-02/Edition%202019%20La%20langue%20francaise%20dans%20le%20monde\\_VF%202020%20.pdf](https://www.francophonie.org/sites/default/files/2020-02/Edition%202019%20La%20langue%20francaise%20dans%20le%20monde_VF%202020%20.pdf)>. Acesso em 15 jan. 2021.

PARAGUAI, Thalita Ferreira; PEREIRA, Ariovaldo Lopes. Aspectos culturais em livros didáticos para o ensino de francês como língua estrangeira. **Anais do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT)**, Seminário de Pesquisa do Miel – 2012. Disponível em: <<https://anais.ueg.br/index.php/semip/article/view/1261>>. Acesso em 15 jan. 2021.

PERUCHI, Ingrid Bueno. **Representações de cultura em livros didáticos de francês língua estrangeira**. 2004. 167 f. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP: Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, Campinas, 2004.

PUREN, Christian. De l'approche communicative à la perspective actionnelle. **Le Français dans le monde**, n. 347, sept-oct 2006, p. 37-40. \_\_\_\_\_. Les tâches dans la logique actionnelle. **Le français dans le monde**, n. 347, sept-oct 2006, pp. 80-81.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. Atitude, Imaginários, Representação e Identidade Linguística: Aspectos Conceituais. **Cadernos do CNLF**, vol. XVI, n. 04 – Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012.

ROY, Jean-Louis. **Qual o futuro da língua francesa?** Francofonia e concorrência cultural no século XXI. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

ROYNETTE, Claude. À propos de négritude : Senghor et Fanon. **Revue VST – Vie sociale et traitements**, vol. 87, n. 3, p. 70-72, 2005. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-vie-sociale-et-traitements-2005-3-page-70.htm>>. Acesso em 13 fev. 2021.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Selvagens, exóticos, demoníacos**: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. Estudos afro-asiáticos, 2002. p. 275 289.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, vol. 8, n. 13, p. 128-133, jul. 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6719/4026>>. Acesso em 13 fev. 2021.

TEIXEIRA, Suzana Darlen dos Santos Santaroni. **Livro didático, representações sociais e francofonia**: um olhar crítico sobre a formação de professores de FLE. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.